



Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa

Recomendaciones para Realizar Grupos Focales en la Investigación Cualitativa

Recommendations for Conducting Focus Groups in Qualitative Research

Luciana Karine de Souza

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9641-6163>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul/Brasil

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O presente artigo teórico discute o papel do grupo focal na pesquisa qualitativa para além de seu uso como técnica em sessão única. Ele é apresentado como método, capaz de gerar contribuições relevantes e frutíferas. São reunidas e comparadas as principais contribuições de textos brasileiros selecionados, principalmente em virtude da singularidade na apresentação de o que sejam grupos focais. São esclarecidas as diferenças entre grupo focal e entrevista em grupo, uso em pesquisa, preparação, registro, roteiro, amostragem, estrutura, moderador, condução do debate, elementos pré- e pós-debate, dentre outros aspectos. Dois autores estrangeiros tradicionais, David Morgan e Rosaline Barbour, são acrescentados ao debate, contribuindo com posições semelhantes e distintas sobre a finalidade e características do grupo focal. Experiências com a aplicação, o ensino e o treinamento do método fundamentam as considerações traçadas. A intenção é que tenham sido esclarecidas dúvidas e dissolvidas concepções acerca do uso de grupo focal na pesquisa, focalizando a abordagem qualitativa, mas com recomendações que devem acompanhar sua aplicação na abordagem quantitativa.

Palavras-chaves: Metodologia; Métodos de pesquisa; Grupos focais.

Resumen

El presente artículo teórico discute el papel del grupo focal en la investigación cualitativa además de su uso como técnica en sesión única. Se presenta como método, capaz de generar contribuciones relevantes y fructíferas. Se recogen y comparan las principales contribuciones de textos brasileños seleccionados, principalmente en virtud de la singularidad en la presentación de lo que sean grupos focales. Se aclaran las diferencias entre grupo focal y entrevista grupal, uso en investigación, preparación, grabación, guión, muestreo, estructura, moderador, conducción del debate, elementos previos y posteriores al debate, entre otros aspectos. Dos autores extranjeros tradicionales, David Morgan y Rosaline Barbour, se agregan al debate, contribuyendo con posiciones similares y distintas sobre la finalidad y características del grupo focal. Las experiencias con aplicación, enseñanza y entrenamiento del método basan las consideraciones descritas. La intención es que hayan sido aclaradas dudas y diluidas concepciones acerca del uso de grupo focal en la investigación, enfocando el abordaje cualitativo, pero con recomendaciones que deben acompañar su aplicación en el abordaje cuantitativo.

Palabras claves: Metodología; Metodología de la investigación; Grupos focales.

Abstract

This theoretical paper discusses the role of focus group in qualitative research beyond its use as a single session technique. It is presented as method, able to generate relevant and fruitful contributions. We gathered and compared the leading contributions from selected Brazilian publications, mainly due to their singularities on presenting focus groups. We explain the differences between focus groups and group interview, uses in research, preparation, recording, script, sampling, structure, moderator, debate conduction, pre- and post-debate elements, among other aspects. Two traditional foreign authors are added to the debate, David Morgan and Rosaline Barbour, contributing with similar and distinctive positions about the goal and the characteristics of focus group. We outline directions based on application, teaching, and training the method. The intention is that doubts had been clarified and preconceptions dissolved about the use of focus group in research, focusing the qualitative approach, but with recommendations that must accompany its application to the quantitative approach.

Keywords: Methodology; Research methods; Focus groups.

Introdução

O grupo focal (GF) é muito utilizado em pesquisas científicas e em intervenções, especialmente em intervenções sociais, educativas, terapêuticas e motivacionais. É ferramenta de bom potencial para gerar dados que contribuam para ações voltadas ao bem-estar e à qualidade de vida. É valorizado principalmente em estudos de abordagem predominantemente qualitativa.

O presente trabalho discute o papel do GF na pesquisa qualitativa para além de seu uso como técnica em sessão única. O objetivo é de reunir os principais aspectos que devem ser tratados na decisão pelo uso do GF para a pesquisa qualitativa. Ele é apresentado como método em pesquisa qualitativa, capaz de gerar contribuições relevantes e frutíferas. São reunidas e comparadas as principais contribuições dos textos brasileiros selecionados, especialmente em virtude da singularidade dessas contribuições. Essas publicações têm seus apontamentos e propostas comparados em benefício do pesquisador interessado em conhecer e aplicar GF em sua investigação (Borges & Santos, 2005; Dall'Agnol & Trench, 1999; DeAntoni et al., 2001; Gondim, 2002; Gui, 2003; Iervolino & Pelicioni, 2001; Kind, 2004; Trad, 2009). Autores tradicionais são acrescidos ao debate, contribuindo com posições semelhantes e

distintas sobre a finalidade e características do GF (Barbour, 2009; Morgan, 1996, 1997). Recomendações originais também foram realizadas, baseadas no nosso trabalho com GF, tanto na sua aplicação como no ensino e treinamento de moderadores para uso em pesquisa.

Ponto de partida: Grupo focal versus entrevista em grupo

Em primeiro lugar é necessário diferenciar GF e entrevista em grupo. GF é uma ferramenta de pesquisa que coleta dados através da interação do grupo acerca de um tópico proposto por um pesquisador (moderador, facilitador). Essa definição implica compreendê-lo como um procedimento que reconhece o papel ativo do moderador em estimular o grupo e que os dados provêm da interação gerada pela discussão (Morgan, 1996).

Morgan (1996) não considera GF para fins terapêuticos, educacionais ou de marketing, isto é, grupos cujo objetivo primário não é gerar dados para pesquisa. Ademais ele considera como entrevista em grupo, e não como GF, quando não há discussões interativas. Também não é GF quando não há moderador que de fato oriente a discussão com base em questões de pesquisa. Já com uma definição mais aberta, Barbour (2009)

considera que “qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo” (p. 21).

Portanto, uma diferença marcante entre GF e entrevista em grupo é a função do moderador. Na entrevista em grupo seu papel é mais diretivo, em uma relação didática com cada integrante, permitindo acessar o ponto de vista de cada um, com atenção ao indivíduo no contexto grupal. De outro lado, o moderador no GF é um facilitador da discussão, debruçando-se sobre o grupo, alvo da análise (Gondim, 2002). O GF possibilita as condições para consenso emergente e estratégias dos participantes para lidar com discordâncias (Gaskell, 2002). Isso ocorre pelo intercâmbio de experiências compartilhadas e contrastadas, gerador de pontos para discussão, pouco provável em entrevistas. É nesse contexto, por conseguinte, que Barbour (2009) seleciona o papel do moderador como crucial ao GF.

Quando usar o Grupo Focal em pesquisa

Mesmo com recursos humanos e materiais para uso do GF em pesquisa, há situações em que ele não é recomendado. Um dos exemplos da restrição ao uso de GF está no estudo de narrativas individuais. Trata-se de uma situação de potencial competição entre os depoimentos individuais dos integrantes do grupo. Tendo a pesquisa por foco analisar trajetórias individuais, os depoimentos poderiam se cruzar, gerando uma narrativa outra que não a esperada pela pesquisa. Bastante ruído seria gerado com esse uso do GF, posto que o foco nas idiosincrasias estivesse suscetível a adquirir outros rumos, diferentes daquele em que o depoimento individualizado poderia assumir.

Outro exemplo é a pesquisa sobre atitudes. Para Barbour (2009) o uso de GF em estudos sobre atitudes é problemático. Se a atitude é o produto da deliberação individual do sujeito sobre algo, perde-se a idiosincrasia ao abordar atitudes em contexto interativo de grupo. Por esta razão que as escolhas metodológicas dependem das teórico-

conceituais. A coerência teoria-método é premissa que deve ser atendida em todo caminho científico.

O GF pode contribuir quando os entrevistados não se sentem à vontade para depoimento individual. Nessa direção, cabe considerar a pesquisa com populações vulneráveis. A situação de grupo pode amenizar o tratamento a um tópico difícil e parece menos a um interrogatório na comparação com entrevista individual.

A Resolução 466/2012 orienta sobre os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos e esclarece que “não devem ser participantes de pesquisa quando a informação desejada pode ser obtida por meio de participantes com plena autonomia, a menos que a investigação possa trazer benefícios aos indivíduos ou grupos vulneráveis” (Brasil, 2012). Com essa diretriz, o pesquisador determina se o GF é adequado à pesquisa. Ademais, o conceito de vulnerabilidade focaliza o processo, e não o conteúdo: “estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida ou impedida, ou de qualquer forma estejam impedidos de opor resistência, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido” (Brasil, grifo nosso).

Barbour (2009) registra recomendações sobre grupos vulneráveis. GF com crianças pequenas (até seis anos), p. ex., devem ser realizados separadamente por gênero. Segundo a autora, isso previne contra a tendência de os meninos falarem mais, mais alto, determinarem os tópicos das conversas e imporem suas opiniões. São semelhantes os argumentos contra GF com irmãos (Barbour, 2009). Todavia havendo familiaridade com GF e dominando técnicas para lidar com situações como as referidas é possível realizar GF mistos com crianças pequenas e com irmãos. O treinamento do moderador é fundamental para contornar as dificuldades referidas. O grupo com crianças pode se beneficiar de recursos como folhas e lápis coloridos para desenhar, figuras ou objetos relacionados ao tema da discussão.

No GF para pessoas com necessidades especiais, é mais adequado inserir menos participantes. Convidar o acompanhante ou cuidador para participar do grupo pode enriquecer a discussão, pois essa pessoa interage muito com o participante em seu cotidiano. Enfim, é preciso conhecer o público a ser envolvido no GF. Além de considerar vulnerabilidades, seriam os futuros participantes, p. ex., pessoas falantes, acostumadas a debates e discussões (Barbour, 2009)? Antever características assim pode garantir um melhor GF.

No GF para tópicos delicados, cabe ressaltar que um tópico delicado é uma construção social, que se altera a partir de aspectos histórico-sociais. Não é uma questão fixa e, portanto, o que é delicado atualmente pode não ser futuramente. Um exemplo disso está em temas como o divórcio, que há algumas décadas era delicado para assunto de pesquisa (Barbour, 2009).

Um recurso importante do GF é o conhecimento que fornece sobre a forma como determinados grupos verbalizam seus valores, experiências, crenças, formas de comunicação e de interação. O debate provê dados sobre como membros típicos de um determinado grupo cultural geralmente lidam com impasses e discordâncias.

Não raro os pesquisadores qualificam o GF como um recurso complementar, minimizando sua função como gerador de dados ricos à pesquisa. Entendido como técnica, é muitas vezes reduzido em importância. No entanto, em pesquisa qualitativa ele pode ser considerado mais do que isso. Segundo Barbour (2009), “existem propriedades particulares das discussões de grupos focais que servem a abordagens qualitativas, e defende-se que é somente no contexto desse tipo de uso que os grupos focais atingem seu potencial pleno” (p. 54).

O Grupo Focal no delineamento em pesquisa

O GF é considerado como uma técnica quando utilizado junto a outros procedimentos no desenho do estudo. Como técnica, não é menos importante ou menos capaz de gerar dados relevantes. O GF é também um método *per se*, quando é o pilar da geração de dados para a pesquisa, usado em seu pleno potencial, aproveitando-se todos os seus recursos e modalidades (Barbour, 2009).

Podem ser visualizadas três aplicações do GF. Na primeira, é a principal fonte de dados da pesquisa. Na segunda, em virtude do tópico da pesquisa, o GF é veículo para manifestação de populações marginalizadas, como nos estudos sobre HIV/AIDS. Na terceira, o GF é combinado a outros procedimentos, p. ex., entrevista individual e levantamento (*survey*) (Morgan, 1996). Barbour (2009) nomeia essas combinações como métodos mistos.

Do uso combinado do GF com entrevista individual, Morgan (1996) destaca que a entrevista proporciona aprofundamento, ao passo que o GF amplia a discussão. Há, também, o emprego complementar do GF com entrevista individual quando o participante está atreito a mostrar opiniões distintas nestes contextos. Conceição e Souza (2015) relatam uma pesquisa com adolescentes sobre a relação entre as aulas de educação física e o tempo de lazer. Nas entrevistas individuais, os adolescentes responsabilizaram o professor pela baixa adesão às aulas, ao passo que no GF os mesmos alunos concordaram que de sua parte faltava colaboração com os docentes. Os autores evidenciaram como a entrevista individual e o GF se complementam em um grupo etário propenso a mudar depoimentos conforme o contexto – típico da adolescência na presença de pares ou figuras de autoridade.

A combinação do GF com levantamento pode ocorrer de quatro maneiras (Morgan, 1996). Na primeira, o GF gera dados para a construção de um questionário para um levantamento de dados sobre um tema. Barbour (2009) destaca o valor desta combinação na criação de instrumentos, auxiliando procedimentos de geração de evidências de validade na adaptação cultural de escalas ou

formulação de itens contextualmente relevantes. Na segunda combinação, um levantamento prévio ao GF gera dados para as discussões no grupo. Na terceira, o GF é realizado após o levantamento, a fim de fornecer dados de seguimento (*follow-up*) que colaborem para a interpretação dos resultados. Por fim, a quarta combinação entre GF e levantamento utiliza o primeiro como principal fonte de dados e o segundo como seguimento para verificar a influência das discussões do grupo sobre cada participante.

Como visto, há distintos modos de se aproveitar os recursos que o GF oferece em pesquisa. As combinações geram dados complementares, fornecendo informações diferentes sobre um mesmo fenômeno. A seguir, é tratada a preparação para o GF.

Preparação para o Grupo Focal

Como referido anteriormente, o GF necessita de um pesquisador ativo em seu papel de proporcionar discussões interativas entre os integrantes do grupo. Essas discussões são o principal processo que diferencia o GF de uma entrevista coletiva.

Buscando qualificar o processo grupal presente no GF, autores têm se referido ao que chamaram de “efeito de grupo” (*the group effect*). Esse efeito foi atribuído a uma espécie de sinergia que surge no GF. A respeito dessa sinergia, Morgan (1996) a qualificou como vaga para servir de argumento sobre vantagens do GF. Segundo ele, “o que torna a discussão em grupos focais mais do que a soma de entrevistas individuais separadas é o fato de que os participantes tanto questionam uns aos outros como se explicam uns para os outros” (p.139, tradução livre). Essas interações provêm do consenso e da diversidade dos participantes.

Por vezes, nas discussões no GF, cria-se um senso coletivo, como um tipo de consenso, por meio do qual se compartilham significados negociados e transformados no decorrer do debate. Essa visão de grupo, no entanto, nem sempre é obtida e nem deve ser esperada. Será

o intercâmbio das diferenças que catalisará dados para a pesquisa. Além disso, equivocadamente alguns pesquisadores consideram que o GF é uma oportunidade para alcançar “a verdade” sobre um determinado tópico. Isso não é possível, nem tampouco faz sentido, posto que, segundo Barbour (2009), “todos os comentários feitos durante os grupos focais são altamente dependentes do contexto e são contingentes às respostas dos membros do grupo, às contribuições dos outros e à dinâmica daquele grupo em particular” (p.56). Dessa forma, é impossível dissociar o que está sendo expresso no GF da discussão que nele se desenrola. Esse aspecto precisa ficar claro ao pesquisador ávido por buscar no GF uma fiel demonstração, em pequena escala, de o que ocorre “na realidade”.

A preparação para a realização de um GF demanda decisões fundamentais que influenciarão o resultado do grupo e a análise dos dados. Será dada atenção a esses itens a seguir. Além das propostas de diferentes autores, são apresentadas sugestões que podem ser aproveitadas conforme a pesquisa e suas finalidades.

O convite, o lembrete e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O convite deve ser claro, objetivo, sem detalhes técnicos, inadequados nem desatualizados, sem gírias. A pessoa precisa saber que estará na companhia de outras, e que todos vão tratar do tópico X, com a presença do pesquisador, para estimular a conversa. O convite é curto, posto que o TCLE trará todas as informações detalhadas para o participante deliberar sobre sua decisão em participar do GF. Informa-se local, data e duração do encontro (p. ex., de 1h e meia a duas horas). Caso o convite seja por email, anexar o TCLE e frisar a importância da sua leitura. O TCLE deverá ser assinado em duas vias iguais impressas antes do início do grupo – levadas pelo participante ou entregues na hora pelo moderador.

Não raro as pessoas que aceitam participar das pesquisas esquecem da data

combinada, do local ou assumem outros compromissos no mesmo horário. Para evitar número insuficiente de participantes, um telefonema no dia anterior servirá de lembrete sobre o aceite em participar da pesquisa. Isso pode prevenir imprevistos e dar oportunidade ao pesquisador de revisar datas ou obter outros participantes.

O local de realização do grupo focal

Solicitações, autorizações e reserva de salas, p. ex., tomam tempo razoável do pesquisador em instituições com espaços disputados. Ademais, um local que pode ser vantajoso para o pesquisador em termos de disponibilidade, mas que ao redor do qual a oferta de transporte público é limitada ou cuja região é demais afastada do centro da cidade, pode desagradar ao público-alvo e levar a desistências.

Borges e Santos (2005) propõem que o local do GF seja “idealmente neutro, acessível e silencioso” (p. 76), como salões de igrejas, escritórios e escolas. Trad (2009) e Dall’Agnol e Trench (1999) recomendam que o local seja preferencialmente neutro. Essa neutralidade é relativa. Salões de igrejas, p. ex., não são neutros, e questões religiosas podem influenciar a discussão do grupo. Participantes podem praticar religião distinta da que o local corresponde, e possuir restrições à que o administra. Escritórios, majoritariamente privados, também não são neutros, pois envolvem empresa, organização ou instituição, com comprometimentos ético-políticos que podem influenciar indiretamente o GF. Um exemplo é relatado por Trad no uso de GF nas dependências da Unidade de Saúde da Família de um município brasileiro. A pesquisadora notou que, por vezes, os participantes do grupo (usuários ou profissionais) demonstravam-se receosos quanto a opinar sobre a Estratégia de Saúde da Família.

Local neutro de fato não existe, e talvez por isso os autores o recomendam como um ideal. Gondim (2002) detalha que o local pode ser natural ou artificial, ou seja, o GF pode ser realizado onde geralmente os participantes

frequentam ou em outro espaço, determinado pelo pesquisador. A autora descarta, portanto, a preocupação com a neutralidade discutida.

Recomenda-se que o local seja visitado antes para conhecê-lo em detalhes: verificar autorizações para entrada por portarias e cancelas (fornecer lista com nomes dos participantes e equipe de pesquisa); possibilidades de estacionamento; boa iluminação pública; disponibilidade de transporte público; e acessibilidade a indivíduos com necessidades especiais (se o grupo inclui esse participante). A sala precisa ser silenciosa, isenta ao máximo de ruídos externos (inclusive salas adjacentes), bem iluminada e com mobiliário que facilite a disposição dos participantes em círculo. Essa disposição facilita que a fala de cada um seja bem escutada por todos e que expressões faciais e gestos sejam bem visualizados (comunicação não verbal). Para evitar interrupções, além da divulgação da reserva da sala às pessoas que geralmente utilizam o espaço, pode ser de auxílio afixar um cartaz na porta sobre o grupo, com indicação do horário de início e término, solicitando não interromper o trabalho. É importante que haja banheiros próximos, os quais o pesquisador informará aos participantes no início dos trabalhos. Alimentação e hidratação também são importantes, mas não livres de cuidados. Para evitar constrangimentos, o melhor é oferecer água sem gás e evitar alimentos com ingredientes tradicionalmente excluídos em dietas ou que possam remeter a questões religiosas ou preferências específicas (origem animal, doces, etc.).

Ainda que as pessoas manifestem descompromisso com eventos tradicionais (Natal, etc.) ou valorizados pela cultura (jogos de futebol, p. ex.), convém evitar GF nessas datas. Alterações no trânsito da cidade, restrições ao transporte público, ruídos externos ampliados, etc., podem interferir com o GF. Dall’Agnol e Trench (1999) destacam o pedido para que todos desliguem os telefones celulares para evitar interferências durante o grupo.

Materiais de apoio ao grupo focal

De boa base ao GF são uma mesa redonda ou retangular, de bom tamanho para garantir espaço a todos, carteiras individuais ou cadeiras com braço. Isso é importante caso o pesquisador ofereça folhas de papel ou outros materiais.

Quando os integrantes do grupo não se conhecem, é de bom auxílio e facilitador da comunicação entre todos, o fornecimento de crachás para os nomes, incluindo a equipe de pesquisa. No caso de grupos com crianças ou adolescentes, pode ser um eficiente quebra-gelo apresentar materiais para que eles mesmos confeccionem seus próprios crachás. É preciso considerar, no entanto, que a atividade de confecção ocupa tempo da programação do GF, mas pode se constituir em geração de dados para a pesquisa.

Em grupos para os quais não se planeja uso de materiais, pode ser de auxílio, e surpreendentemente gerador de dados, disponibilizar sobre a mesa folhas de papel em branco e canetas para livre uso. Podem ser utilizadas por participantes para rabiscar distraidamente, para tomarem notas de aspectos que lhes chamam à atenção, que precisam memorizar ou que necessitam demonstrar graficamente junto a suas verbalizações.

O registro do grupo focal: observadores e equipamentos de áudio e vídeo

O GF pode ser gravado em áudio ou áudio e vídeo. Nesses casos, recomenda-se posicionar os equipamentos em local adequado, evitando constranger os participantes. Em cima da mesa, dois microfones captando o debate serão mais eficazes que um.

É comum o entendimento de que é mandatória a gravação de sessões de GF. No entanto, isso depende dos objetivos da pesquisa e da experiência do moderador do grupo. As gravações, quando feitas, deverão tomar parte, de algum modo, da análise dos dados. Caso contrário, trata-se de um desperdício de recursos. Sua transcrição, porém, não é

obrigatória, a não ser, claro, que a análise envolva a contagem de ocorrência de palavras ou análises semelhantes que requeiram transcrição *verbatim*. Não sendo essas as opções, a análise pode ser realizada diretamente a partir do áudio ou do áudio-vídeo. *Softwares* que organizam dados para análises qualitativas permitem a codificação diretamente nos trechos de interesse, marcando as janelas de segundos/minutos e registrando o conteúdo de destaque sobre o qual o trecho trata. É a codificação diretamente nos arquivos de áudio ou vídeo, sem transcrições.

Recomenda-se que o pesquisador que coordena o debate (facilitador, moderador) faça anotações rápidas e de destaque, em papel, que colaborarão para retomada de tópicos durante a mesma sessão e etapas posteriores da pesquisa (próximas sessões, análise dos dados). Também é fundamental um auxiliar de pesquisa com a tarefa específica de realizar anotações das principais falas, bem como momentos em que há embates, discordâncias, uso de estratégias para interferir na discussão, mudanças de tema, dentre outros movimentos do grupo, e elementos não verbais (p. ex., expressões faciais).

O observador deve ser apresentado, deixando claro que não participará das discussões. Pode se posicionar em local que facilite a observação do grupo, ainda que o rosto de ao menos um participante ficará fora de seu campo de visão. Garantida a boa audição de o que todos dizem, a posição do observador e da câmera de vídeo, quando esta for usada, podem se complementar. Em contraste, Dall’Agnol e Trench (1999), seguindo os pressupostos teóricos que adotam, consideram que a observação no GF é uma observação-participante, e que, portanto, intervém no grupo. Essa intervenção deve ocorrer em sintonia com o moderador, em casos nos quais maiores esclarecimentos são necessários, mas não notados pelo moderador.

Kind (2004) lembra que um dos objetivos do observador é registrar falas e comportamentos do moderador. A autora destaca que, ao término do grupo, observador e

moderador se reúnem para discutir os dados, trocando informações e gerando, também, dados para posterior análise. Alguns pesquisadores, inclusive, recomendam mais de um auxiliar de pesquisa: um para ser o observador do GF, outro para lidar com equipamentos, material de trabalho e imprevistos (recepção de atrasados, interrupções, etc.). Iervolino e Pelicioni (2001) recomendam um observador e um relator: o primeiro para registrar a comunicação não verbal no grupo, e o segundo para “anotar os acontecimentos de maior interesse para a pesquisa” (p. 118). Há, ainda, a condução de GF relatada por Gui (2003), no qual estiveram presentes um moderador, um comoderador, um responsável pelos equipamentos de gravação e dois observadores e “controladores do tempo” (p. 149).

Roteiro e materiais de trabalho para o grupo focal

O roteiro é o segundo elemento mais importante, após o moderador. O roteiro, ou guia de temas ou tópicos, deve ser breve, contendo pontos ou questões fundamentais à pesquisa. Uma das sugestões para a estrutura do roteiro é iniciá-lo por questões mais gerais, seguidas de específicas (Borges & Santos, 2005; Gondim, 2002; Kind, 2004; Trad, 2009). Outra envolve um detalhamento em temas, objetivo, duração do GF, questões de orientação para a discussão, e planejamento propriamente dito (cada tema, técnica, procedimento e duração) (DeAntoni et al., 2001). O exemplo de roteiro apresentado em Gui (2003), bastante estruturado, contém, ao lado de cada tópico, o tempo estimado para tratá-lo (dez minutos, cinco minutos, 15 minutos, etc.). Este não é um procedimento padrão na condução de GF em pesquisa, mas pode auxiliar o pesquisador pouco ambientado ao trabalho com grupos. A maioria dos autores propõe um roteiro curto, focalizado e de fácil uso.

Barbour (2009) qualifica de semiestruturado o roteiro mais adequado para GF. Muitas vezes a brevidade de um roteiro deixa temeroso o pesquisador pouco

experiente. Uma das estratégias para lidar com a incerteza que um guia de tópicos breve pode criar é antecipar a discussão que pode ocorrer no grupo, em uma espécie de ensaio. Com este imaginam-se as possíveis respostas, embates, consonâncias e mudanças temáticas que podem desviar o debate do tópico principal. Aliado a isso, Barbour enfatiza a vantagem de um grupo-piloto.

Outro ponto importante quanto ao GF diz respeito aos materiais de estímulo. Gaskell (2002) destaca que o GF possibilita a inclusão de “recursos de livre associação, figuras, desenhos, fotografias e mesmo dramatizações” (p. 80) para iniciar e/ou estimular um determinado debate. É preciso deliberar sobre a pertinência de incluir esses materiais no grupo, pois eles podem conduzir o debate para um foco ou outro. Ademais, geram dados para análise, que não podem ser ignorados. Barbour (2009) destaca o valor agregado de se utilizar exercícios escritos dentro de uma sessão de GF. Com eles, é possível comparar dados individuais dos membros do grupo com as discussões coletivas sobre o mesmo tópico.

Há outras maneiras de se aproveitar materiais de estímulo no GF. Pode-se distribuir um material estruturado, p. ex., uma folha com uma tabela pedindo três aspectos positivos e três negativos sobre um determinado tema, ou vantagens e desvantagens. É possível utilizar recursos presentes na Internet (vídeos curtos, postagens, etc.) para estimular debates. Outro recurso interessante é a apresentação de um dilema moral, catalizador de debate e oportunidade de os integrantes do GF explicarem-se com justificativas para decisões, bem como contrastarem argumentos (ver sobre debates de dilemas morais em Souza, 2008).

Composição do grupo focal, quantidade de sessões e de grupos

Tratar da composição do GF é tratar da seleção dos participantes para o grupo. Como refere Barbour (2009), “o propósito da amostragem qualitativa é refletir a diversidade dentro do grupo ou população sob estudo, em vez de aspirar ao recrutamento de uma

amostragem representativa” (p. 86). Essa diversidade é propulsora de insights valiosos para o debate e a geração de dados. A amostragem do GF é teórica ou intencional, ou seja, busca antecipar aspectos que relevantes para estimular o debate com diferentes experiências sobre o tema (Barbour). Essa antecipação está estritamente ligada com a literatura.

As questões da homogeneidade e da heterogeneidade da composição dos grupos são aspectos que auxiliam a refletir sobre a seleção dos integrantes do GF. É esperada uma homogeneidade entre os integrantes, mas há discrepâncias quanto ao grau. A homogeneidade deve estar, no mínimo, na condição de poder tratar do tema sobre o qual versa o grupo, de compartilhar ao menos uma característica importante (Barbour, 2009; Borges & Santos, 2005; Dall’Agnol & Trench, 1999; Iervolino & Pelicioni, 2001; Trad, 2009) ou semelhanças de contexto de vida (DeAntoni et al., 2001; Morgan, 1997). Morgan alerta para o entendimento da homogeneidade no âmbito do *background*, e não das atitudes: atitudes semelhantes sobre o tópico do GF gerarão debates improdutivos, se é que gerarão algum.

Outro aspecto importante está na estratégia de segmentação para compor os grupos. Trata-se de “controlar a composição do grupo a fim de que combine cuidadosamente com categorias de participantes escolhidas previamente” (Morgan, 1997, p. 35, tradução livre). À primeira vista este procedimento pode não combinar com a flexibilidade que o GF parece demonstrar. No entanto, há situações em que a segmentação é recomendada, tanto para facilitar a discussão, como para evitar problemas éticos na pesquisa. Um exemplo simples está na questão de que, se as diferenças de sexo deixaram pouco à vontade as pessoas para se autorrevelarem ou para o moderador proporcionar comparações frutíferas a partir do GF, será preciso conduzir grupos separados por sexo – isto é, segmentados por sexo. Outras variáveis a considerar como critério para segmentação de grupos é raça, idade, renda familiar, status e hierarquia. Ademais, quando papéis sociais se distinguem com respeito a um

tema, como no caso de pais e mães na discussão de práticas de educação dos filhos, igual atenção deve ser dada à segmentação: não se trata de destacar diferença de sexo, mas diferença no papel de pai e de mãe na criação de filhos (Morgan), com suas rotinas e interações distintas.

Alguns autores recomendam que não seja conduzido GF com pessoas que se conhecem, como amigos, colegas ou familiares (Borges & Santos, 2005; Iervolino & Pelicioni, 2001; Trad, 2009). De outro lado, há vantagem no uso desses grupos, chamados de preexistentes ou pré-familiarizados. Em virtude da proximidade cotidiana que compartilham, essas pessoas proporcionam a visualização mais detalhada dos processos de dinâmica de grupo nos debates. Ao mesmo tempo, há um componente ético extra no trabalho com esses grupos quanto à confidencialidade. A vida segue após o grupo, e o moderador precisa garantir tanto a efetividade da confidencialidade, como a ausência de resquício de sentimentos negativos entre os integrantes do GF (Barbour, 2009). Outros autores apontam que se trata de uma questão fortemente ligada aos objetivos e finalidades da pesquisa (Gondim, 2002; Gui, 2003; Kind, 2004; Morgan, 1997). Esta posição moderada parece ser a mais esclarecedora para determinar a composição de um GF. Segundo Morgan, “a noção de que grupos focais devem consistir de estranhos, no entanto, é certamente um mito” (p. 38, tradução livre).

Sobre a quantidade de participantes, a literatura é variada, recomendando, em conjunto, desde 3 até 12 pessoas. Pesquisadores notórios no trabalho com GF recomendam de 3 a 8 pessoas (Barbour, 2009) e de 6 a 10 (Morgan, 1997). O que parece consenso é que grupos com mais de 12 pessoas não são recomendados em função da dificuldade de se manter o foco e de se aproveitar a participação de todos (Gondim, 2002; Trad, 2009).

Há um aspecto importante a considerar no convite a participantes para um GF: as desistências. Com essa possibilidade em vista, a expectativa de um grupo com três ou quatro

participantes pode ser frustrada por intercorrências pessoais ou de outro âmbito. É por esta razão que é recomendado o sobrerrecrutamento, ou seja, o convite a 20% a mais de pessoas para comparecer ao GF. Dessa forma, assegura-se o mínimo de participantes, sem aumentar consideravelmente o grupo, no caso de todos comparecerem (Morgan, 1997).

Quantas sessões com o GF? Nem sempre uma única sessão de duas horas é capaz de prover dados diversificados e relevantes suficientes para uma análise robusta. Nesse sentido, é possível convidar os mesmos participantes para um segundo encontro. Todavia fica claro ao pesquisador que a realização de uma segunda sessão não programada, pode incorrer em desistências de alguns participantes, bem como exigir maior investimento em termos de equipamentos, agendamento de local e disponibilidade da equipe de pesquisa.

Quantos grupos? O critério de saturação, adequado para outras formas de coleta de dados, também se aplica à quantidade de grupos focais: quando o moderador já consegue antecipar o que o grupo discutirá, tendo já conduzido outros grupos no tema, e quando não há mais dados novos advindos dos debates. Morgan (1997) estima que de três a cinco grupos é suficiente para perceber saturação, mas que isso depende de alguns fatores. O principal deles é a variabilidade dos participantes dentro dos grupos e entre os grupos. Geralmente grupos mais heterogêneos gerarão a necessidade pela condução de mais grupos. O tipo de roteiro utilizado no GF e o envolvimento do moderador também são fatores que influenciam a decisão por mais grupos. Esses fatores maximizam a variabilidade de dados entre grupos.

De outro lado, Kind (2004) frisa que é preciso organizar “pelo menos dois grupos para cada variável pertinente ao tema que será abordado” (p. 128). Entretanto, se seguido o critério de saturação, também referido pela autora, não será preciso tomar sua sugestão como regra.

A pertinência de grupos focais adicionais Barbour (2009) decorre dos fatores mencionados. Além disso, é possível realizar uma amostragem de segundo estágio, através da qual são redistribuídos os participantes nos diferentes grupos focais já conduzidos ou criar um novo GF para testar hipóteses emergentes. De fato, o potencial comparativo do GF é amplo, e por esta razão é uma estratégia considerada mais do que tão somente uma técnica para gerar dados, como majoritariamente é tratado em pesquisa no Brasil.

Com esta seção tratou-se dos principais aspectos do planejamento e da preparação para a inserção de GF em pesquisa. A seguir é tratada a condução propriamente dita do GF, retomados aspectos do papel do moderador e discutidos novos pontos a este respeito.

Condução do grupo focal e papel do moderador

O GF depende fundamentalmente da habilidade do moderador em criar uma discussão interativa que proporcione intercâmbio de significados via esclarecimentos, aprofundamentos, exemplos, justificativas e questionamentos entre os participantes. Sem isso, não há GF.

Na literatura é possível destacar virtudes esperadas do moderador. Os textos indicam que um bom moderador é acolhedor, aberto à opinião de todos sem julgamentos, respeitoso, hábil para colher depoimentos, sensível, flexível, de bom senso, bom humor e boa memória, discreto, atento às próprias ações e reações, e que distribui a atenção igualmente a todos os participantes (Dall’Agnol & Trench, 1999; DeAntoni et al., 2001; Gui, 2003; Iervolino & Pelicioni, 2001; Kind, 2004). É compreensível que os autores busquem traduzir na forma de virtudes as habilidades necessárias para se conduzir um GF efetivo e eficaz, atento à ética e frutífero para gerar dados à pesquisa. Entretanto, soam como mais exigências de caráter do que domínio de habilidades. Autocontrole e automonitoramento, treinamento e estudo da técnica e da teoria que

suporta a pesquisa, e domínio das habilidades para lidar com os processos de grupo e comportamentos que afetam o debate são mais necessários ao trabalho com GF.

O nível de envolvimento ou de diretividade do moderador sobre o grupo flutua conforme o momento em que a discussão se encontra. Por vezes será preciso retomar o foco do debate para que o grupo não prolongue a discussão sobre aspectos pouco relativos ao tema principal; outras vezes será preciso permitir que a discussão siga seu rumo, sem intervir.

É importante frisar o papel do moderador como facilitador da discussão. Sua postura não deve ser a de um observador, como em muitos casos ocorre: o coordenador do grupo decide não interferir no debate para não contaminar os dados ou influenciar a discussão dos participantes. Todavia é preciso manter a discussão dentro do tópico e propulsionar as discussões interativas que requerem que os integrantes expliquem seus pontos-de-vista uns aos outros, bem como argumentem entre si. Quando o mínimo de intervenção é feito, sem que esses processos se apresentem, o que se tem diante de si é uma entrevista em grupo, que tem suas vantagens, mas não deve ser tomada como GF.

Os autores diferem quanto ao modo de estruturar a realização do GF para fins de pesquisa, organizando os mesmos procedimentos em diferentes etapas, com maior ou menor distribuição de atividades por etapa e variação de detalhes. De todo modo, é possível identificar três momentos relativos à condução do GF: o pré-debate, o debate e o pós-debate. Com esta organização se apresentam a seguir os passos identificados na literatura estudada (Barbour, 2009; Dall’Agnol & Trench, 1999; DeAntoni et al., 2001; Gondim, 2002; Gui, 2003; Iervolino & Pelicioni, 2001; Kind, 2004; Morgan, 1997; Trad, 2009).

Elementos pré-debate

Previamente ao debate propriamente dito, há elementos importantes que colaboram

para o estabelecimento do clima do grupo, bem como para que a discussão ocorra a contento e dentro das normas éticas em pesquisa. Antes mesmo da abertura da sessão, há, p. ex., a questão de como recepcionar os participantes, que muito provavelmente chegarão para o GF em momentos distintos. Pode ser preciso evitar que os primeiros participantes a chegar comecem a conversar sobre o tópico do grupo, gerando dados que não estariam sendo aproveitados para a pesquisa. Uma das formas de se evitar isso é distribuir ao participante, na chegada, tanto as duas vias impressas do TCLE, como um questionário para registrar dados sociodemográficos. A decisão sobre quando iniciar o trabalho dirigindo-se aos participantes como um grupo é do moderador, que conta com o auxílio do observador para recepcionar e melhor encaminhar os participantes atrasados.

Na abertura da sessão do GF há as apresentações, iniciando pela equipe de pesquisa (moderador e observadores). Podem ser distribuídos crachás ou adesivos para a inserção do nome e afixação em local visível na própria roupa. O objetivo da pesquisa é retomado, e o TCLE é lembrado. Com isso, são frisadas normas para o funcionamento do debate, como a inexistência de respostas certas ou erradas, de hierarquia de conhecimentos entre os participantes e entre equipe e participantes, e a necessidade de manutenção do foco no tópico da pesquisa. São lembrados os compromissos de privacidade, sigilo, confidencialidade da pesquisa e entre os participantes após a participação no grupo. É pedida honestidade, sinceridade e franqueza nos depoimentos, destacando-se que há diferentes vivências sobre o tema tratado. Alguns pesquisadores preferem apresentar as normas do debate e os aspectos éticos antes da apresentação de cada um, utilizando desta última como um quebra-gelo no grupo.

O moderador deixa claro seu papel no grupo, bem como refere a atividade do observador e o uso de equipamentos, quando os há. Além da sinceridade e da receptividade a diferentes depoimentos, é importante salientar que, para que a discussão seja aproveitada, será preciso alertar para: (a) A alternância dos

turnos de fala para que todos sejam ouvidos com clareza; (b) A liberdade de todos para emitir opinião; (c) Evitar a coocorrência de debates (mais de um debate ao mesmo tempo no grupo); e (d) Evitar a dominância da discussão por uma só pessoa. Informa-se sobre o lanche à disposição durante o grupo – disponibilizado em um canto da sala de fácil acesso e de onde o participante ainda pode escutar o debate – e sobre onde se localizam os banheiros. Por fim, abre-se a oportunidade para a apresentação de perguntas e dúvidas ou para a repetição de algum procedimento ou combinação.

Condução do debate

Com o roteiro de tópicos, o moderador inicia o debate. Esse roteiro não deve ser distribuído aos participantes – é de uso exclusivo do moderador e observador(es). A passagem de um tópico a outro é precedida da síntese de o que foi debatido.

Uma maneira de se iniciar a discussão é apresentar uma pergunta de abertura e pedir que cada participante forneça sua opinião geral sobre o tema, destacando que o objetivo é ouvir a opinião de todos. Dessa forma tem-se uma noção do estilo de cada participante, bem como do clima geral do grupo (Morgan, 1997).

Para manter um debate em andamento, podem-se utilizar perguntas-chave ou deixas ao grupo, como: (a) Você pode dar um exemplo?; (b) Você começou a dizer algo. Gostarias de completar?; (c) Algo que sempre ouço as pessoas dizerem é que... O que você(s) pensa(m) sobre isso?; (d) Uma coisa que me surpreende é que ninguém mencionou que... Por que será?; (e) Isso é importante?; (f) Que aspectos facilitam e dificultam isso, para vocês?; (g) Talvez alguém tenha uma experiência recente de...; (h) Fulana trouxe outra questão, sobre... Não sei se alguém gostaria de comentar sobre isso...; (i) Alguns de vocês afirmaram isso, enquanto outros manifestaram o contrário... (Barbour, 2009; Dall’Agnol & Trench, 1999; Kind, 2004; Morgan, 1997). Pode-se inserir novas questões, repetir na forma interrogativa algo interessante

recém-dito, pedir esclarecimento ou aprofundamento, conectar diferentes depoimentos para fortalecer o clima de grupo, destacar as principais diferenças e contextualizá-las como importantes e de mesmo valor no grupo. Dall’Agnol e Trench listam uma série de perguntas possíveis para debates com grupos. Já Trad (2009) recomenda que não se utilize a expressão por que a fim de evitar respostas defensivas, em clima de interrogatório.

Há boas ilustrações de condução de GF em Barbour (2009) e em Gui (2003). Com elas visualizam-se como inicia uma sessão de GF e como o moderador articula as opiniões dos participantes e mantém o debate em andamento. Além disso, Morgan (1997) oferece seis técnicas ou instruções para o moderador: (a) Dar legitimidade aos participantes para que eles mesmos manejem a discussão; (b) Fornecer pistas, quando pertinente, sobre como lidar com problemas comuns; (c) Frisar a necessidade de diversidade de perspectivas no debate (a mesma pessoa pode apresentar mais de uma visão sobre um assunto); (d) Estimular perguntas entre si para manter a discussão; (e) Salientar o compartilhamento de experiências pessoais; e (f) Destacar que todas as experiências são igualmente importantes ao moderador.

O encerramento decorre da saturação de conteúdos. O moderador, amparado nos objetivos da pesquisa e tendo conduzido adequadamente a discussão, apresenta uma síntese da sessão. Kind (2004) propõe que o encerramento precisa abordar os “temas principais, consolidar os sentimentos dos grupos acerca de algumas questões e identificar diferenças principais” (p. 132), sem criar um clima de oposição.

Tanto durante a discussão como para encerrar o GF, cabe lembrar que é preciso ter clara a diferença entre o que é relevante e o que é interessante. Sem isso, a discussão não encerra, posto que sempre haja algo mais que pode ser abordado e discutido.

Os agradecimentos aos participantes são seguidos de combinações que podem apontar para dois caminhos distintos: para uma futura devolução sobre os resultados, ou para ajustes sobre a próxima sessão do GF. Apesar disso, o moderador pode programar para que os participantes levem consigo algum material impresso, além da via do TCLE. Esse material, não mais que uma página, pode conter um resumo da pesquisa, informações sobre os tópicos abordados (nos moldes de divulgação científica), dados úteis sobre serviços disponíveis sobre o tema (p. ex., se o tópico tratou da doação de sangue, fornecer endereços de locais para fazer a doação, informações básicas sobre requisitos e estatísticas de doação da cidade), ou outros conteúdos relevantes ao participante. Se a pesquisa não previu qualquer tipo de remuneração, pagamento ou ressarcimento pela participação no GF, isso não deve ser realizado, nem na forma de passagem de transporte público, ticket alimentação, ou qualquer outro tipo de oferta que pareça com ressarcimento pela participação na pesquisa.

Elementos pós-debate

O trabalho com GF não encerra com o término do grupo. Há passos importantes posteriores que podem gerar dados para análise. O primeiro é a reunião, senão imediatamente após o GF, o quanto antes, entre moderador e observador(es). Essa reunião pode ser registrada em áudio para auxílio na análise dos dados. A equipe trata do clima geral da discussão, compartilha impressões, gera tópicos para outros encontros ou para a análise, revisa procedimentos, aproveitando as anotações e a memória preservada do grupo recém-encerrado. Ademais, para o moderador é um momento apropriado para checar com os observadores sua conduta no grupo, obtendo valiosas impressões para revisão de procedimentos, estratégias para o grupo, reações aos debates, etc. Esse intercâmbio colabora também para a triangulação de dados na pesquisa, fortalecendo sua validade.

Outro passo que pode ser útil na fase pós-debate é a descrição da sessão do GF pelo moderador, apesar de gravações ou

anotações feitas durante o encontro. Esse passo introspectivo requer do moderador concentração e detalhamento da sessão, aproveitando a recenticidade do GF. A descrição pode ser encaminhada aos observadores para que eles insiram suas próprias observações, inclusive novos apontamentos. Esse material também colabora para a triangulação, bem como pode tomar parte dos dados para análise.

O terceiro passo é a decisão sobre a transcrição das gravações, a qual não é obrigatória. O pesquisador experiente em análise de dados pode prescindir da transcrição *verbatim*. Pode utilizar um *software* que permita a codificação direta em janelas de tempo na gravação, seja em áudio ou áudio e vídeo. Em espaços de tempo recortados pelo pesquisador, é possível realizar a codificação e um resumo dos conteúdos referidos em cada janela. De outro lado, se houver intenção de identificar a ocorrência ou coocorrência, p. ex., de palavras ou expressões, a transcrição *verbatim* será necessária no próprio *software*.

Por fim, o tratamento do GF para uso em pesquisa não se encerra com o presente trabalho. Outros pontos podem ser abordados, como a questão da análise dos dados (Barbour, 2009) e o uso de grupos focais online (Bordini & Sperb, 2013).

Considerações finais

O presente trabalho buscou congregiar os principais aspectos que devem ser tratados na decisão pelo uso do GF para a pesquisa qualitativa. Foram consultados trabalhos nacionais, tendo suas contribuições sintetizadas e contrastadas, no intercâmbio com dois autores tradicionais: Rosaline Barbour e David Morgan. Recomendações originais também foram realizadas, baseadas no nosso trabalho com GF, tanto na sua aplicação como no ensino e treinamento de moderadores para uso em pesquisa. Todavia o estudo às obras destes autores não é substituído por este texto.

A intenção é que tenham sido esclarecidas dúvidas e dissolvidas

preconcepções acerca do uso de GF na pesquisa, focalizando a abordagem qualitativa, mas com recomendações que devem acompanhar sua aplicação na abordagem

quantitativa. Como caminho futuro, se aposta no aumento de pesquisas com utilização de GF online.

Referências

- Barbour, R. (2009). *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed.
- Bordini, G., & Sperb, T. (2013). Grupos focais online e pesquisa em psicologia: revisão de estudos empíricos entre 2001 e 2011. *Interação em Psicologia*, 17(2), 195-205. doi: [10.5380/psi.v17i2.28480](https://doi.org/10.5380/psi.v17i2.28480)
- Borges, C., & Santos, M. (2005). Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. *Revista da SPAGESP*, 6(1), 74-80. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010&lng=pt&tlng=pt
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.
- Conceição, V. M., & Souza, L. K. (2015). Lazer, educação física e adolescência. *Licere*, 18(2), 193-220. Recuperado de <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1049>
- Dall'Agnol, C., & Trench, M. H. (1999). Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na Enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 20(1), p.5-25. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchaDeEnfermagem/article/view/4218/2228>
- DeAntoni, C., Martins, C., Ferronato, M., Simões, A., Maurense, V., Costa, F., & Koller, S. (2001). Grupo focal: método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. *Arquivos Brasileiros de Psicologia (impresso)*, 53(2), 38-53. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/297497178_Grupo_focal_Metodo_qualitativo_de_pesquisa_com_adolescentes_em_situacao_de_risco
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp.64-89). Rio de Janeiro: Vozes.
- Gondim, S. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161. doi: [10.1590/S0103-863X2002000300004](https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004)
- Gui, R. (2003). Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Psicologia: Organizações & Trabalho*, 3(1), 135-160. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=pt&tlng=pt
- Iervolino, S., & Pelicioni, M. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 35(2), 115-121. doi: [10.1590/S0080-62342001000200004](https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000200004)
- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10(15), 124-136. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202/213>
- Morgan, D. (1996). Focus groups. *Annual Review of Sociology*, 22, 129-152. doi: [10.1146/annurev.soc.22.1.129](https://doi.org/10.1146/annurev.soc.22.1.129)
- Morgan, D. (1997). *Focus groups as qualitative research (2a ed.)*. *Qualitative research methods: vol. 16*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Souza, L. K. (2008). O debate de dilemas morais na universidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 169-183. doi: [10.1590/S1413-85572008000100012](https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100012)

Trad, L. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em

pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. doi: [10.1590/S0103-73312009000300013](https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013)

Dados sobre a autora:

- *Luciana Karine de Souza*: Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente e pesquisadora em psicologia do desenvolvimento social e da personalidade, e métodos qualitativos.

Observação:

Texto originado no minicurso e no workshop ministrados pela autora como consultora em análise qualitativa de dados no Centro de Análise de Dados em Psicologia (CAD-Psico) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsa de pós-doutorado UFRGS PNPd-CAPEs